

HABOOB

O Brasil assistiu estupefato a gigantesca tempestade de areia que atingiu o interior paulista dias atrás. A facilidade para propagar imagens do fenômeno pela TV e pelas redes sociais tornou a velha Franca do Imperador conhecida nacionalmente. A fantástica, ameaçadora e impressionante rajada de areia (haboob na língua árabe, palavra que designa as rajadas de areia no deserto), tão presente nos filmes de múmia dos meus tempos de criança e adolescência, filmada e fotografada a partir dos arranha-céus da cidade, transformaram a cidade tranquila do interior em cenário apocalíptico do futuro distópico de tantos filmes de ficção, de Mad Max a taciturnos roteiros como Blade Runner.

O fato é que, após passar dias cuspiendo tijolos e limpando a poeira que se instalou por todos os recantos da casa e do Laboratório das Artes, ajudado pela falta de água enfrentada desde o final de setembro que nos leva a ter água potável apenas em turnos de 36x36 horas, mudou muito minha concepção sobre o futuro da cidade pós-coronavírus. Em meio à crise sanitária, agravada pela ação criminoso do governo, associada à crise hídrica, ver as pessoas lavando calçadas despreocupadamente no dia seguinte ao haboob me levou a ter dúvidas se conseguiremos sair dessa.

Foi olhando para essa triste realidade que comecei a analisar o futuro da Franca e pretendo aconselhar as autoridades locais a iniciar um processo de construção de políticas públicas para tirar partido do “novo normal”. Franca nunca atraiu muito turismo, a não ser de negócios ligados à indústria calçadista. A destruição quase total do seu patrimônio cultural do passado criou uma paisagem desfigurada, pouco atraente a visitantes. A beleza da paisagem é pouco explorada e partes significativas do território local e das cidades vizinhas foram tomadas pela cana de açúcar. A monocultura do agro é pop, como se sabe, não é a melhor amiga do meio ambiente, reduz a biodiversidade e, sabe-se hoje, também responsável pela explosiva combinação que resultou no haboob.

Em relação às questões ambientais, no passado recente Franca era conhecida pela existência de grandes voçorocas na zona urbana mas, como disse Jeferson Tavares, jovem e brilhante arquiteto que leciona na USP de São Carlos, as voçorocas tornaram-se anacrônicas como esses textos, foram substituídas pelo haboob.

Desta forma, a exploração econômica do fenômeno poderia gerar a criação de vários produtos pela indústria do turismo local, a começar pela substituição de uma caríssima, cansativa e longa viagem aérea a Dubai por uma amena viagem pela Viação Cometa, com direito a hospedagem no Hotel Central e a experiência gastronômica inclusa de traçar um JK no restaurante Barão. O ponto de observação da aproximação do haboob seria no topo do edifício Franca do Imperador, que poderia ser escalado pela fachada com vista para a sede do Magalu. Tenho certeza que o SEBRAE não se negaria em disponibilizar um consultor para o tema, já que a economia criativa está em alta, apesar da grande quantidade de bolsonaristas na cidade. Assim que a água da SABESP voltar e finalmente limpar a casa, pretendo me dedicar a convencer stakeholders e fazer limers a explorar esse nicho do mercado, a começar pela BrujasTur e seu agente Peralta.

Mauro Ferreira é arquiteto